

Gilberto Amado verificou isso também: “Singular destino o de João do Rio! Como desapareceu na cidade transformada o animador da sua transformação! Seu nome nenhum eco desperta nas gerações de hoje. Pouco tempo depois da morte, já não se falava nele. Entre os literatos não surge sequer um só que o tome para assunto de crônica ou de simples reminiscências da vida da cidade que ele encarnou mais do que ninguém. Com efeito, de 1910 a 1921, data em que se finou, esteve ele sempre presente nos jornais, nas ruas, nos teatros, nos restaurantes, em gabinetes de Ministros, às vezes na Câmara e no Senado. Sua passagem pela rua do Ouvidor, sua parada na Avenida, atraía atenção e comentários. O sarcasmo, a pilhéria, o dichote, a malevolência acompanhavam os seus passos. Os amigos, numerosos na aparência, o abafavam em abraços, à porta da *Gazeta de Notícias*, onde ele ‘dava audiência’ todas as tardes. (. . .) Na modorra e rotina jornalística do país, iluminada a vela de sebo, João do Rio acendeu lâmpadas elétricas de alto poder voltaico crepitando em coruscações multicores. Seu estilo, de frases curtas e tônicas, como tinidos de crótalo, quebrava, na coluna do jornal, a crosta das empadas insossas dos folhetins literários. (. . .) O artista em João do Rio degenerou cedo. Sua força de caráter era nula. Sua necessidade de aplauso, incrível em homem de tão verdadeiro talento. (. . .) Era certas vezes doloroso para mim testemunhar as momices inúteis, os exibicionismos excusados em que ele, inconsciente do mal que fazia a si próprio, sacrificava na corte dos imperadores do momento, como um escravo da decadência, a nobre humanidade que lhe forrava o ser. (. . .) Esse homem que gostava de proclamar-se cínico, acima de considerações de ordem moral, descrente da nobreza da essência humana, era, na realidade, um venerador das categorias sociais e dos preconceitos do mundo. Daí o seu medo do julgamento alheio e a fome miserável com que solicitava para os seus vícios e fraquezas, a tolerância e piedade do meio. Paulo Barreto quisera impor-se, tornar-se um cidadão conspícuo no conceito geral. Mas não podia”⁽²⁸⁷⁾.

Paulo Barreto foi, realmente, uma fase do jornalismo carioca, fase de transição, que encarnou bem justamente pela conjugação de suas qualidades e de seus defeitos; como figura típica de fase assim, alcançou sucesso rápido e destacado, mas transitório, e não deixou impressão proporcional ao que realmente representou⁽²⁸⁸⁾. Essa fase, entretanto, entre a campa-

(287) Gilberto Amado: op. cit., págs. 64/65.

(288) João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto (1881-1921) nasceu e viveu no Rio de Janeiro. Começou como revisor e trabalhou, entre 1898 e 1899, na *Cidade do Rio*, de José do Patrocínio; passando a cronista da *Gazeta de Notícias*, onde permaneceu longos anos e onde firmou o seu pseudônimo de *João do Rio*. Deixou esse jornal pelo *O País* e, pouco depois,